

O DESAFIO DA FORMAÇÃO E DO TRABALHO DO JORNALISTA NA “ERA DA INFORMAÇÃO”

Antônio Francisco Magnoni¹

Bibiana Alcântara Garrido²

RESUMO: As novas Diretrizes Curriculares Nacionais delimitam o campo de formação conceitual e profissional específica, ao retirar o Jornalismo da condição de subárea da Comunicação Social e nominar o profissional formado como Bacharel em Jornalismo. Entre os aspectos fundamentais dos novos currículos que deverão ser concluídos em 2015, estarão a interdisciplinaridade e a integração entre teoria e prática e a adoção obrigatória do estágio supervisionado de 200 horas. Para os docentes de Jornalismo, é um desafio cada dia mais árduo motivar e possibilitar a formação consistente e atualizada para seus alunos, que nascem e crescem sob a influência cotidiana de uma cultura midiática pós-moderna cada vez mais imersiva e individualizada.

PALAVRAS-CHAVE: *Jornalismo Convergente, Colaborativo e Cidadão; Extensão Universitária; Estágio Profissional.*

ABSTRACT: The new National Curriculum Guidelines for Journalism delimitates conceptual and professional training field to remove Journalism from the subarea of Media Studies and nominate the professional graduated as Bachelor of Journalism. Key aspects of the new curriculum will be the interdisciplinarity and the integration of theory and practice and the mandatory adoption of supervised training of 200 hours. For Journalism teachers it is a challenge to motivate and enable consistent and updated training to their students, who are born and grow up under the daily influence of a postmodern media culture increasingly immersive and individualized.

KEYWORDS: *Convergent, Collaborative and Citizen Journalism; University Extension; Professional internship.*

¹ Jornalista, professor de Jornalismo do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Televisão Digital: Informação e Conhecimento. Tutor do Grupo PET de Rádio e Televisão na FAAC-UNESP. Pós-doutor pela Universidad Nacional de Quilmes; doutor em Educação pela FFC-UNESP. Membro do Conselho Consultivo do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ).

² Mestranda da FAAC-UNESP.

INTRODUÇÃO

Desde o início da Era Moderna, o desenvolvimento sequencial das editoras de livros, da imprensa, da publicidade, da fotografia e da fonografia, do cinema, do rádio e da televisão foi possibilitado pela evolução técnico-científica e absorvido pelos objetivos estratégicos dos países industrializados: o uso capitalista de tais veículos facilitaram a inserção das populações mundiais nos modos de vida urbanos, que sustentam a produção industrial e o consumo material e simbólico em escala mundial. A popularização do disco, do rádio, do cinema sonoro, e da televisão permitiu a criação e difusão de uma complexa cultura midiática audiovisual, que a partir do desenvolvimento da internet se tornou quase tão hegemônica quanto à comunicação oral cotidiana.

O rápido desenvolvimento e a disseminação de diversos tipos de meios de comunicação de massa, também passou a requerer novas estruturas técnicas e econômicas, e a gerar diversas atividades que exigiam domínio de técnicas, conhecimentos sistemáticos e práticos. Assim os novos “negócios midiáticos” foram criando uma grande variedade de funções laborais, que eram supridas pelo aprendizado prático e imediato e havia outras que demandavam a absorção de profissionais com formação mais sistemática e refinada, que só poderiam ser derivadas da educação escolar.

Advogados, pedagogos, artistas gráficos e dramáticos, fotógrafos, músicos, redatores, revisores, publicitários, vendedores, cenógrafos, figurinistas e iluminadores, mecânicos e operadores de máquinas gráficas, engenheiros, técnicos em equipamentos. Mais de três centenas de funções profissionais surgiram no bojo das atividades comerciais durante o desenvolvimento dos meios modernos de comunicação de massa, entre o início do século 19, até o surgimento da internet, em meados da década de 1990. A necessidade de existência de sistemas escolares públicos e regulares passou a ser reivindicada pelas sociedades liberais, reconhecidas e assumidas pelos governos progressistas. A escola pública ocidental se desenvolveu na mesma era da comunicação de massa e as instâncias geradoras de cultura formal foram influenciadas pela cultura midiática.

Assim, se estabeleceu um conflito entre a comunicação midiática e a educação, que nunca foi reconhecido e evidenciado publicamente, mas que persiste nos dois espaços de atuação cultural pública, entre dois ambientes profissionais modernos pertencentes à mesma categoria de trabalhadores simbólicos e formadores culturais. Comunicadores e professores realizam trabalhos imateriais da mesma natureza e com objetivos bastante comuns. Então, qual a origem lógica do distanciamento e até do antagonismo entre a e a educação escolar e a comunicação de massa, informativa, educativa e de entretenimento? Tardy (1976) é demolidor ao criticar a rejeição dos professores aos meios de comunicação: “A pedagogia é uma máquina de dizer não e caminha sempre em círculos. Os intelectuais acadêmicos ainda consideram o território das imagens um campo depreciativo. A pedagogia tradicional é mental e verbal”. Aliás, o mundo real está tão mediatizado que nem é preciso que os professores deixem o espaço escolar ou de suas casas para travarem contato com o mundo da comunicação. Morin (1962) advoga que “é preciso conhecer este mundo, sem nos sentirmos estranhos nele. É preciso flunar [sem preconceitos] pelas grandes avenidas da cultura de massa”. Flunar por grandes avenidas da comunicação analógica já é uma proposta ultrapassada. O distanciamento entre as duas áreas é, sobretudo, conceitual, epistemológico, metodológico e também político.

Ao se constatar tamanho e tão prolongado dissenso entre as duas áreas profissionais e culturais, que são tão decisivas para a configuração dos modos contemporâneos de formação individual e de existência coletiva, é possível entender e explicar algumas das dificuldades que os pesquisadores, professores, coordenadores de cursos e também os estudantes de jornalismo e de outros cursos de formação superior pertencentes à grande área de comunicação enfrentam no atual momento histórico. Todos estão preocupados e empenhados em discutir a pertinência, a atualidade, as funções e papéis estratégicos e a demanda social e mercadológica, que tais veículos e funções profissionais conservam em tempos de digitalização e convergência radical. Afinal, é decisivo para cada área e função laboral regulamentada pela formação escolar, que consiga realizar uma avaliação rigorosa do atual estado da profissão e de seus requisitos de formação, nos aspectos conceituais, técnicos e profissionais, e também sociais.

A formação escolar superior tem o desafio imediato de suprir as demandas de um mercado de trabalho cada vez mais complexo e movediço, além de conseguir formar professores e pesquisadores para atender aos desafios de ensino-aprendizagem, de

pesquisa e inovação acadêmica e mercadológica. Só com a atualização constante, a formação universitária poderá permanecer afinada com as finalidades profissionais e com os movimentos de transformação da sociedade brasileira. Tem, por exemplo, de entender que no curto espaço de menos de duas décadas de expansão da internet, o novo hipermeio conseguiu tornar obsoleta a tecnologia analógica e os padrões de informação, comunicação e trabalho desenvolvidos no decorrer do século 20.

As telecomunicações informatizadas e a internet comercial aceleraram a junção de todas as tecnologias comunicativas existentes, um salto técnico-científico que permitiu a digitalização, o armazenamento e a transmissão de acervos manuscritos, impressos, ilustrados e audiovisuais. Tudo isto com alcance global, com interatividade, multilateralidade, multimídia, portabilidade, mobilidade e acesso individualizado, um fenômeno reordenador (e também bastante desestabilizador), que passou a exigir dos pesquisadores em geral, e em especial da área de Comunicação, Informática, Educação e das Ciências Sociais em geral, mais reflexão e redobrada percepção sobre as mudanças causadas pela agressiva expansão digital, nas sociedades contemporâneas e nas suas culturas, nos modos e meios de produção e de consumo material e simbólico. No momento atual, a internet materializa o contexto informacional que Levy (1999) denominou como pulverização do computador no ciberespaço.

Dentro do contexto da preparação e formação dos estudantes em Jornalismo, a participação em projetos se torna essencial na medida em que traz a esses estudantes a experiência com meios multimídia, jornalismo digital e convergência, além da vivência com a própria comunidade, tarefas que constroem habilidades com as novas mídias. Sendo através de um jornal-mural, ou jornal comunitário, os futuros jornalistas, majoritariamente, mantêm também versões *online* de seus produtos, além de *web rádios* e até mesmo revistas interativas na internet, aplicativos, *webjornais* e canais de notícias no *Youtube*. O que não falta é variedade no que diz respeito aos projetos da Extensão Universitária, que, coordenados pelos professores, representam uma parcela importantíssima da graduação uma vez que apresentam aos estudantes muito mais do que lhes é dado em teoria na sala de aula. Na contramão do caminho que forma um profissional de “mente-analógica”, crescem experiências em diferentes projetos que criam o profissional já adaptado às linguagens das novas plataformas, derivadas das Tecnologias de Informação e Comunicação, ainda dentro da universidade.

OS DESAFIOS PARA A IMPLANTAÇÃO DOS NOVOS CURRÍCULOS DE JORNALISMO E SEUS POSSÍVEIS EFEITOS

Em de 27 de setembro de 2013, a Resolução CNE/CES nº 1, foi publicada no **Diário Oficial da União** instituindo as **Diretrizes Curriculares Nacionais** para o curso de graduação em Jornalismo, com uma concepção curricular que padroniza em diversos aspectos, os projetos políticos pedagógicos dos mais de 500 cursos de Jornalismo em todo o país. As novas Diretrizes delimitam o campo de formação conceitual e profissional específica, ao retirar definitivamente o Jornalismo da condição de subárea da Comunicação Social e nominar o profissional formado, como Bacharel em Jornalismo. Entre os aspectos fundamentais dos novos currículos que deverão ser concluídos em 2015, estarão a interdisciplinaridade e a integração entre teoria e prática e a adoção obrigatória do estágio supervisionado de 200 horas.

Além da inclusão do estágio, a carga horária dos cursos também aumentou de 2.700 horas para 3.000 horas. Nas Diretrizes aprovadas, a inclusão do estágio obrigatório talvez se constitua com o maior desafio para as coordenações pedagógicas. Elas enfatizam também a importância da utilização das tecnologias e destacam os desafios atuais para os comunicadores não só no Brasil, mas em todo o mundo. Uma sequência de parâmetros listados no Art. 4 deixa evidente que os novos projetos pedagógicos e currículos deverão romper com os modelos atuais de cursos de comunicação. As novas Diretrizes são derivadas de um diagnóstico nacional dos cursos, que identificou diversos tipos de exaustão do modelo acadêmico para a formação de jornalistas e propõe a sua revisão, decisão consensual que foi incorporada pela norma do CNE:

I – formar profissionais com competência teórica, técnica, tecnológica, ética, estética para atuar criticamente na profissão, de modo responsável, produzindo assim seu aprimoramento;

II – enfatizar, em sua formação, o espírito empreendedor e o domínio científico, de forma que sejam capazes de produzir pesquisa, conceber, executar e avaliar projetos inovadores que respondam às exigências contemporâneas e ampliem a atuação profissional em novos campos, projetando a função social da profissão em contextos ainda não delineados no presente;

III – orientar a formação teórica e técnica para as especificidades do jornalismo, com grande atenção à prática profissional, dentro de padrões internacionalmente reconhecidos, comprometidos com a liberdade de expressão, o direito à informação, a dignidade do exercício profissional e o interesse público;

IV – aprofundar o compromisso com a profissão e os seus valores, por meio da elevação da autoestima profissional, dando ênfase à formação do jornalista como intelectual, produtor e/ou articulador de informações e conhecimentos sobre a atualidade, em todos os seus aspectos;

V – preparar profissionais para atuar num contexto de mutação tecnológica constante no qual, além de dominar as técnicas e as ferramentas contemporâneas, é preciso conhecê-las em seus princípios para transformá-las na medida das exigências do presente;

VI – ter como horizonte profissional o ambiente regido pela convergência tecnológica, em que o jornalismo impresso, embora conserve a sua importância no conjunto midiático, não seja a espinha dorsal do espaço de trabalho, nem dite as referências da profissão;

VII – incluir, na formação profissional, as rotinas de trabalho do jornalista em assessoria a instituições de todos os tipos;

VIII – atentar para a necessidade de preparar profissionais que possam exercer dignamente a atividade como autônomos em contexto econômico cuja oferta de emprego não cresce na mesma proporção que a oferta de mão-de-obra;

IX – instituir a graduação como etapa de formação profissional continuada e permanente.

(Resoluções para as Novas Diretrizes dos cursos de Jornalismo, CNE/CES NO 1/2013, p. 2)

Os novos cursos deverão ser capazes de entender que a crise instalada desde o início da transição analógico-digital acentuou ainda mais a precarização das relações de trabalho no mercado de comunicação, fez crescer a pressão patronal pela desregulamentação profissional - como ocorreu com os jornalistas e tem se repetido com as novas funções e categorias laborais surgidas nos ambientes produtivos digitalizados. Persiste o achatamento dos salários, enquanto se acentua o esvaziamento dos espaços produtivos com o crescimento dos trabalhadores temporários e também do teletrabalho. A organização e o poder de mobilização das diversas categorias de profissionais decresceram e houve enfraquecimento dos sindicatos das áreas de comunicação.

Um fator que exige interpretação acadêmica correta, são os efeitos no mercado de trabalho dos jornalistas, da multiplicação de comunidades virtuais e de espaços multilaterais de comunicação na internet. Com o crescimento gradual dos novos recursos, dispositivos e canais do ciberespaço, os meios tradicionais de comunicação vão perdendo a condição de fontes exclusivas de seleção, captação, edição e divulgação de informações, que além de tudo, eram divulgadas de forma unilateral. Assim, nos incontáveis ambientes virtuais, nas redes sociais e aplicativos da internet, se

multiplicam o ativismo individual e coletivo que estimulam a convivência social binária e o autodidatismo comunicativo e interpretativo de todos os tipos de informação.

A aplicação adequada das diretrizes durante a renovação curricular dos cursos poderá significar a superação, durante a formação, da divisão tão corriqueira entre teoria e prática profissional. Uma vez que a norma aprovada no Conselho Nacional de Educação (CNE), ao definir objetivos bem claros e coerentes para a formação em Jornalismo, extingue o dualismo entre formação profissional e formação para o exercício acadêmico em cursos da área, ou da grande área de Comunicação. O novo perfil do profissional formado em jornalismo está bem definido no Art. 5, e deve ser interpretado como a principal referência da direção que todo o projeto pedagógico e a grade curricular devem seguir:

Art. 5º O concluinte do curso de Jornalismo deve estar apto para o desempenho profissional de jornalista, com formação acadêmica generalista, humanista, crítica, ética e reflexiva, capacitando-o, dessa forma, a atuar como produtor intelectual e agente da cidadania, capaz de responder, por um lado, à complexidade e ao pluralismo característicos da sociedade e da cultura contemporâneas, e, por outro, possuir os fundamentos teóricos e técnicos especializados, o que lhe proporcionará clareza e segurança para o exercício de sua função social específica, de identidade profissional singular e diferenciada em relação ao campo maior da comunicação social (Resoluções para as Novas Diretrizes dos cursos de Jornalismo, CNE/CES NO 1/2013, p. 2).

As universidades deveriam ser parte mais estratégica do sistema de educação, de pesquisa e de interpretação das novas realidades, porque estão equipadas para produzir conhecimentos inovadores e formar os novos profissionais, que irão atuar neste mundo informacional em constante transformação. É exatamente por conta da rapidez de tantas transformações que os cursos superiores terão que repensar seus projetos político-pedagógicos para não ficarem à margem da contínua convergência de tecnologias, conteúdos, linguagens e novos hábitos culturais propiciadas pelas diversas plataformas e meios digitais de comunicação.

Em função da necessidade de reciclagem do campo e natureza social da comunicação jornalística no âmbito da formação em Graduação e Pós-graduação, destaca-se a necessidade de adoção de conceitos e de tecnologias contemporâneas para a formação profissional com ênfase na cultura de convergência e na apropriação social das plataformas do ciberespaço. No entanto, é pouco viável promover, nos cursos de Comunicação, sucessivas reformas curriculares para que as instituições possam acompanhar as transformações sociais da técnico-ciência e do mercado de trabalho. Daí

a importância do papel da Extensão Universitária para colocar em prática aquilo que, por falta de recursos, tempo e equipes de profissionais e pesquisadores suficientes para sustentar uma estrutura técnica razoável para atualizar os repertórios conceituais e didáticos, as universidades não possam fornecer anualmente aos estudantes de Jornalismo e Comunicação, áreas mais ligadas ao desenvolvimento tecnológico e de plataformas.

O objetivo desse campo educacional é formar profissionais com métodos, teorias e tecnologias que correspondam ativamente aos novos e antigos problemas conceituais, ético-deontológicos, sociais e também mercadológicos. O jornalista é um especialista que deve compreender os aspectos sociais de sua atuação, relacionar sua ética profissional com a ação criadora e que saiba estabelecer parâmetros críticos em todas suas atividades de produtor de sentido e de bens culturais. Os comunicadores sociais são por essência, profissionais de multimeios.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As telecomunicações informatizadas e a internet comercial aceleraram a junção de todas as tecnologias comunicativas existentes, um salto técnico-científico que permitiu a digitalização, o armazenamento e a transmissão em tempo real ou diferido, de acervos manuscritos, impressos, ilustrados e audiovisuais. Tudo isto com alcance global, com interatividade, multilateralidade, multimídia, portabilidade, mobilidade e acesso individualizado, um fenômeno reordenador (e também bastante desestabilizador), que passou a exigir dos profissionais e pesquisadores em geral (principalmente dos especialistas em Comunicação, Informática, Educação e das Ciências Sociais) mais reflexão e, ainda, redobrada percepção sobre as mudanças causadas pela agressiva expansão digital. É preciso identificar e pesquisar todos os efeitos dessas transformações tão rápidas nas sociedades contemporâneas e em suas culturas, nos modos, meios de produção, de consumo material e simbólico.

No momento atual, a internet materializa o contexto informacional que Levy (1999) denominou como pulverização do computador no ciberespaço. Expandem-se ambientes informacionais multivariados, onde cada equipamento com memória binária e conectividade torna-se parte da trama informática, do tecnocosmos que, a partir da criação do ciberespaço converteu-se num hipercomputador hipertextual, virtual,

babélico e universal, mesmo que ainda não consiga alcançar todos os habitantes do planeta. Os processadores informáticos vão sendo incorporados como memória artificial de todos os maquinismos industriais. Tais dispositivos estão, a cada dia, mais presentes em todos os ambientes e atividades humanas.

Dentro da realidade do mercado de trabalho é notável a participação cada vez maior de dispositivos móveis no dia-a-dia da Comunicação. Seja através de canais dos próprios meios de comunicação na internet, contas em redes sociais, ou mesmo no acompanhamento de acontecimentos pela audiência por meio de *hashtags* e postagens em eventos organizados. Por esse motivo, a velha mídia tradicional “apanha” hoje para se atualizar e acompanhar o ritmo de informação dos internautas, sempre conectados, seja pelo computador pessoal, *tablet* ou *smartphone*. A crise na imprensa reflete um Jornalismo engessado, motivo pelo qual a Graduação em Comunicação Social passou por mudanças em suas Diretrizes Curriculares recentemente, já que, a Extensão Universitária por si só, apesar de fornecer espaço para criação de projetos que inovem em linguagem e criatividade, não é suficiente para uma formação sólida e atualizada.

A divisão resultante das Resoluções das novas Diretrizes, da grande área de Comunicação, cria agora o campo específico do Jornalismo, no entanto sem caracterizar um rompimento conceitual com as demais especialidades. O que seria também improvável, já que a tecnologia aplicada ao social é o que constitui a nova base para as relações entre pessoas e também entre os meios de comunicação, o modo como a informação e diferentes conteúdos de entretenimento alcançam seu público.

Os profissionais, pesquisadores e professores de jornalismo estão desafiados interpretar amplamente e precisamente a crise da “imprensa”, a retração do mercado e das formas convencionais de trabalho para os jornalistas. É preciso avaliar o aspecto econômico, o campo da produção e da difusão de informações e também as mudanças que ocorrem no âmbito da opinião pública, além de verificar entre as diversas atividades jornalísticas e comunicativas, quais são os reflexos formativos, éticos e profissionais causados pela digitalização dos veículos. A popularização de dispositivos individuais ligados à rede tem contribuído bastante para aumentar o hábito de fruição multimídia de informações. Aos poucos, os novos “leitores” das diversas telas do ciberespaço vão “deletando” a possibilidade de consumir diferentes tipos de informação em diversas plataformas receptoras. Trata-se de um público que se habitua muito rápido a consumir diversas linguagens e conteúdos, desde que eles sejam ajustáveis às telas dos dispositivos digitais domiciliares, ou dos individuais e portáteis.

Por conta da comunicação de massa se tratar de um meio sinérgico, se molda transferindo linguagens de um veículo para outro, as matrizes técnicas e conceituais, os gêneros, formatos e as diversas linguagens. Na prática, os estrategistas e os profissionais vão manejando pragmaticamente modelos produtivos e ferramentas existentes em cada meio, de acordo com as necessidades técnicas, econômicas, publicitárias e editoriais. Tanto os profissionais, quanto o público ativo das redes do ciberespaço estimulam com ações práticas cotidianas, a hibridização de técnicas e tecnologias e o sincretismo de linguagens tão iminentes aos sistemas digitais e comunicação.

Os processos de hibridização de técnicas e tecnologias e o sincretismo de linguagens alcançam e padronizam as informações jornalísticas, de utilidade pública, os repertórios musicais, a programação de entretenimento e os conteúdos publicitários de todos os veículos partícipes da indústria cultural. Cada nova tecnologia que é inserida no cotidiano organizacional, profissional, e também nas redes coletivas do ciberespaço irá alterar o modo de trabalho e de produção dos veículos, poderá melhorar a qualidade do conteúdo ou alterar o formato e a definição da mensagem emitida, ampliar as possibilidades de interação com o público etc. Ou seja, a mudança tecnológica e a forma de apropriação social que ela incorpora, incide diretamente no resultado econômico, no modo de atuação profissional e no mercado de trabalho, nos sentidos das linguagens, nos efeitos estéticos e nos processos comunicativos dos meios. E, sobretudo, repercute na maneira do público receber, interpretar e interagir com as mensagens recebidas. (MAGNONI, 2010, p. 55)

É evidente que a crise dos meios reflete no exercício e também na formação das várias funções laborais das atividades de comunicação social. No entanto, a persistência da crise do setor nem sempre tem origens tecnológicas, econômicas e políticas. Os antigos veículos também enfrentam uma crise de origem simbólica, que deriva das mudanças de mentalidades e dos comportamentos coletivos, que vão alterando diuturnamente os modelos sociais, os processos criativos, produtivos e também os espaços culturais e as estruturas de poder econômico e de representação jurídica e política. São conflitos difusos e subjacentes, que esgarçam sem trégua as antigas práticas sociais e as múltiplas representações materiais e simbólicas instituídas pelas sociedades derivadas das várias matrizes e dos diversos níveis de evolução ou de degradação da modernidade industrial.

Tais mudanças e evoluções, transformações da mídia alavancadas pela internet acontecem com tamanha rapidez que influenciam os rumos do meio acadêmico, e não o contrário, como costumava acontecer em tempos analógicos. A universidade, espaço de inovação e criatividade, se adequa hoje ao ritmo do mundo transmídia, do mundo

conectado. Será preciso desenvolver ações específicas e pesquisas abrangentes para capacitar professores pouco familiarizados com o manejo das tecnologias, com o desenvolvimento e interpretação correta das linguagens e dos formatos adequados para difusão dos conteúdos polimediativos de comunicação, de extensão cultural e também de jornalismo. Só com a aquisição de base razoável de conhecimento conceitual abrangente e crítico, de domínio tecnológico atualizado, um professor poderá discernir que referencial teórico e que ferramenta tecnológica é mais acessível à realidade de suas atividades de ensino-aprendizagem e que estejam compatíveis com a necessidade de formação contemporânea dos alunos. Antes de conhecer as máquinas é preciso conhecer profundamente os princípios gerais que determinam a revolução informacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLS, M. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 298-9 (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 2). p.298-9.

_____. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 25 (A era da informação: economia, sociedade e cultura: v. 1). p.25-26.

FREIRE, P., GUIMARÃES, S. *Sobre a educação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994, p.4, 10,11.

FUSARI, M. F. R. *Meios de comunicação na formação de professores: televisão e vídeo em questão*. 1990. 218 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, p.136-138.

GARRIDO, B; MAGNONI, A. “Os Novos Meios de Comunicação e a Emergência do Jornalismo Social”. Artigo apresentado na *I Semana da Comunicação*, Bauru, 21 a 25 de Outubro, 2013.

JOHNSON, S. *Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.p. 9-10,34-5,51-52, 70,155.

LEVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.p.165,169.

MAGNONI, A. F. *Primeiras aproximações sobre pedagogia dos multimeios para o ensino superior*. 2001. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2001.

_____. *Relatório de atividades apresentado à Pró-Reitoria de Pesquisa da UNESP, de estágio de pós-doutoramento realizado na Universidad Nacional de Quilmes, Argentina*, 2010.

Portaria N° 203/2009, de 12 de fevereiro de 2009. *Diretrizes curriculares nacionais para o curso de jornalismo* – relatório da comissão de especialistas instituída pelo Ministério da Educação.

Resolução CNE/CES 1/2013. *Resolução n° 1*, de 27 de setembro de 2013.
Ministério da educação conselho nacional de educação câmara de educação superior.

TARDY, M. *O professor e as imagens*. São Paulo: Cultrix, 1976. P.12,42.

VALE, J. M. F. *Educação popular: um exercício de democracia numa sociedade autoritária*. Didática: São Paulo, 14: (61-64), 1988.